

BELÚZIO, Rafael Fava. *1929*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2021.

## **1929: UM LIVRO QUE É TAMBÉM UMA DATA QUE TAMBÉM É UMA CASA.**

QUEIROZ, Helen<sup>1</sup>

O novo livro de Rafael Fava Belúzio é um livro de crônicas. Um livro que pinça o autor de seu mundo acadêmico para as raias do cotidiano, onde a prosa reina irônica e lírica, ao mesmo tempo. É que Rafael, além de bom prosador, é também poeta. E não por acaso, ao percorrermos as páginas de *1929* (2021), ouvimos também outros poetas que o acompanham. Amalgamadas à escrita instigante de Belúzio estão vozes parnasianas, vozes modernistas, vozes brasileiras e de outras terras, revelando o frescor de um jovem autor que parece viver há séculos. Um escritor que, ao narrar sobre sua aldeia, revela o universal, como sinaliza a epígrafe de Alberto Caeiro, marcante heterônimo de Fernando Pessoa, logo na abertura do livro. E se o micro revela o macro, como na mônada benjaminiana, ao narrar as miudezas de uma cidade pequena do interior de Minas, o autor traz um recorte curioso e bastante revelador de uma sociedade fundada na política do café com leite, com suas contradições, tradições e mazelas ancestrais, mas que é também dada à poesia e serenatas.

Ao inventar um verbo para definir como “carangolamos” (sim, porque eu também carangolo, porém a goles largos), Rafael faz o que nenhum dos outros poetas da cidade fez: condensou no verbo "carangolar" situações, sensações e momentos únicos, que só sendo carangolense para saber essa dor e delícia de ser o que se é: “Ele adorava Carangola. Para ele, era uma metáfora do declínio e ruína da antiga sociedade agrária. Desde a crise de 1929, a mesma falta de oportunidades fazia as pessoas se mudarem para os grandes centros urbanos...” (BELÚZIO, 2021, p. 15)

---

1 QUEIROZ, Hélen. Doutora em Educação pela UFRJ. Poeta e professora de história na rede privada de ensino no Rio de Janeiro. helen.queiroz@pro.escolaparque.g12.br

Quantos de nós não se leem nesse trecho, fala a verdade? Quantos de nós precisaram sair para trilhar outras veredas? Muitos antes de nós e outros tantos após. Então, como não se emocionar com a crônica "Morar fora"?

“Morar fora (...) é beijar a boca silenciada (...) É mastigar outros crepúsculos. É habitar a palavra do outro. (...) Morar fora é sair da caverna.” É, como Gagarin, perceber que sua terra é azul". (BELÚZIO, 2021, p. 87-88)

Essa crônica (aos meus olhos uma das mais bonitas do livro) faz sentido para gregos e baianos, ciganos ou cicranos, carangolenses ou não, que vivem fora de suas aldeias.

O livro convida a uma visita ao passado com sua capa sépia, as belas fotos em p&b, o título (que é uma data emblemática na história e, também, uma casa, como anuncia o autor na dedicatória feita à “Vó Fizinha”), porém as crônicas fazem o leitor transitar com facilidade no tempo e no espaço, ultrapassando territórios e décadas.

Que alegria poder escrever sobre um autor da minha aldeia, que é também universal: um autor que na sua tessitura ácida evoca também o veludo da língua, revelando-se um excelente cronista. E como ele mesmo tão bem traduz: “a crônica é esse hiato de nada entre o nada maior que ocupa a vida toda... E ler o pequeno vazio preenche bem o vácuo do instante”. (BELÚZIO, 2021, p. 87-88)

*1929* é um livro para ler e reler, como tenho feito, desde que o recebi com uma bonita dedicatória. O ritmo pulsante da escrita de Rafael, as imagens que constrói com sua pena por vezes cômica, outras irônica, mas sempre lírica, nos seduz, nos instiga, nos faz mergulhar no oceano da literatura com prazer. Com muito prazer, eu diria. Palavra de poeta.